

A masculinidade hierárquica e a homoafetividade em *O Ateneu*

Samuel Sales Leite *

Resumo: O presente trabalho apresenta uma análise de *O Ateneu* (1888), obra de Raul Pompeia, cujas características memorialistas e de formação estão bem estabelecidas no romance, assim como uma possível catarse do próprio autor (ANDRADE, 1972). Aqui a análise foi feita por meio de uma leitura crítica com o intuito de avaliar e investigar, nas interações afetivas de Sérgio, o narrador-protagonista, sinais que possam indicar impulsos homoafetivos dele e dos personagens com quem se envolve, e como essas interações foram representadas na narrativa, respeitando as limitações da época, mas pondo o assunto em moldes atuais. Ressaltamos que, em momento algum, há uma confirmação explícita de que o protagonista, um garoto em processo de formação sexual e moral, é ou não homossexual. Então a análise parte dos discursos que podem ser vinculados à homossexualidade. O internato, sendo um espaço opressor, também será relevante aqui, atuando como um sistema podador na personalidade emocional dos personagens infantis. Para a abordagem do artigo, temos como pressupostos as teorias de Foucault (1984, 1985, 1988) sobre os mecanismos de poder, a abordagem psicanalítica freudiana (FREUD, 1972), o ensaio de Mário de Andrade (1972) sobre *O Ateneu* e a pesquisa sobre infância e sexualidade de Benedito Teixeira de Sousa (2016, 2017).

Palavras-chave: Raul Pompeia; *O Ateneu*; Homoafetividade; Mecanismos de poder.

Abstract: The present work presents an analysis of *O Ateneu* (1888), by Raul Pompeia, whose memoirs and formation characteristics have a great mark on the novel, as well as a possible catharsis of the author himself (ANDRADE, 1972). Here, the analysis was carried out through a critical reading in order to evaluate and investigate, in the affective interactions of Sérgio, the narrator-protagonist, signs that may indicate homoaffective impulses in him and in the characters with whom he is involved, and how these interactions were represented in the narrative, respecting the limitations of the time, but putting the subject in current molds. We emphasize that, at no time, is there an explicit confirmation that the protagonist, a boy in the process of sexual and moral formation, is or is not homosexual. So the analysis starts from the speeches that can be linked to homosexuality. The boarding school, being an oppressive space, will also be relevant here, acting as a pruning system in the emotional personality of the children's characters. For the approach of the article, we have as presuppositions the theories of Foucault (1984, 1985, 1988) on the mechanisms of power, psychoanalytical approaches (FREUD, 1972), Mario de Andrade's essay (1972) on *O Ateneu* and the Bento Teixeira de Sousa's research on childhood and sexuality (2016, 2017).

Keywords: Raul Pompeia; *O Ateneu*; Homoaffectivity; Mechanisms of power.

* Graduado em Letras – habilitação em português e literaturas da língua portuguesa, pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Este artigo foi resultado da pesquisa referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a orientação da Profª Drª. Maria Lúcia de Souza Agra.

1. Introdução

Publicado inicialmente em formato de folhetim no jornal Gazeta Notícias, a obra-prima de Raul Pompeia, *O Ateneu*, é uma das principais representantes do movimento realista no Brasil; também é considerada um exemplo de prosa nacional com marcas indicativas do movimento impressionista. Denunciando as consideradas imoralidades sociais do final do século XIX, Pompeia foi aclamado pela crítica literária por seu estilo narrativo ousado e revolucionário – chegando até a ser comparado à genialidade dos escritores franceses Gustave Flaubert e Émile Zola. A obra, possivelmente movida por fatos autobiográficos das experiências e traumas de Pompeia no colégio Abílio, onde estudou, apresenta a difícil vivência do protagonista no internato. Importante apontar que o livro apresenta uma consistência em apresentar, de forma episódica e analítica, as experiências no internato protagonizadas por seus personagens caricatos para fazer uma crítica social e psicológica.

Pompeia traça uma narrativa que coloca *O Ateneu* no campo dos romances memorialistas, como é destacado no subtítulo — "Crônicas de saudades". No livro, nós somos apresentados a Sérgio, o narrador protagonista, que relata suas angustiantes memórias nos dois anos em que esteve no Ateneu, renomado internato do Rio de Janeiro, administrado pelo rigoroso Aristarco. O colégio era uma promessa para a ascensão da burguesia brasileira, sendo bem-visto e requisitado pelas famílias abastadas que almejavam o melhor para os filhos.

A obra foi escrita em primeira pessoa, o que limita a narração ao ponto de vista de Sérgio. Ou seja, tudo é julgado por ele, não existindo, assim, uma visão panorâmica, vinda de outros personagens, dos acontecimentos relatados. Essa ideia se debruça no viés de autopreservação, inserido na noção de essência e aparência: o que ele realmente é contra o que ele deseja contar

O desespero exasperado da vivência no internato é um elemento presente na obra, ressaltado pelo temperamento violento do narrador. A perda da infância prematura de Sérgio, a sua construção afetivo-sexual e a obrigação de se encontrar como um ser social e de fortes marcas masculinas características o oprimem no decorrer da obra. Para Mário de Andrade (1972), é possível que Raul Pompeia tenha aproveitado sua obra para fazer catarse, para descarregar as frustrações de seu tempo no Colégio Abílio, visível na angústia e raiva de sua escrita. Em seu ensaio, Andrade (1972, p. 173) afirma:

Não é possível negar, as provas são fortes, que neste livro de ficção o escritor vazou a sua vingança contra o seu internato no colégio Abílio. *O Ateneu* é uma caricatura sarcástica e, relativamente a Raul Pompeia, dolorosíssima, da vida

psicológica dos internatos. [...] Raul Pompeia se vinga. Se vinga do colégio com uma generalização tão abusiva e sentimental que chega à ingenuidade.

Na perspectiva do crítico, a obra teria sido a forma que Pompeia encontrou para expurgar seus próprios demônios e tormentos de um passado conturbado. Dessa forma, Sérgio se torna um instrumento psicológico de autobiografia, capaz de assumir os dramas pessoais do autor. Ele também emula naquele microcosmo um retrato do período histórico do país e o papel esperado para um jovem rapaz, por meio das ligações e punições repressoras presentes no internato Ateneu.

Bosi (2017, p. 179) afirma que “O escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento”. Seguindo do ponto de partida de que as obras realistas fazem denúncias da realidade social e histórica, aprofundando-se na análise por meio de descrições que buscam traçar o perfil social e cognitivo dos personagens, outro assunto bastante debatido e foco deste trabalho é a homoafetividade implícita na obra, assim como a hierarquia masculina e de poder. Essa temática está presente nas representações narrativas, que beiram o homoerotismo, no contato interacional de Sérgio e alguns de seus colegas.

Na análise, é possível traçar uma referência à ideologia patriarcalista, em que o ser feminino é considerado inferior ao ser masculino, atribuindo essa relação de submissão a homens e mulheres ou, no contexto abordado no microcosmo construído na obra, à visão do homem ativo (dominante, másculo, forte; homem) e passivo (dominado, efeminado, frágil; mulher). Deve-se levar em consideração que esses papéis hierarquizados podem atuar na formação da sexualidade do jovem do colégio interno, pois a visão idealizada do moralmente correto de Aristarco reflete nos alunos e acaba atuando como um instrumento podador, buscando-se sempre alcançar o que é socialmente aceito para a época.

No presente estudo, buscaremos explorar uma possível abordagem acerca da sexualidade reprimida em Sérgio, por meio de uma análise pragmática dos seus laços afetivos construídos no decorrer da obra. Ressaltamos que, em momento algum, a homossexualidade do protagonista foi tratada de forma explícita, mas sim de forma especulativa. O foco deste trabalho não é a sexualidade propriamente dita do Sérgio, mas sim a análise das suas relações afetivas no decorrer da obra, a partir da perspectiva da formação do indivíduo social e sexual; a noção de amor e afeição entre as pessoas, bem como a noção de posse, controle e superioridade, além dos instrumentos podadores e repressores das instituições.

Sua relevância está na atualidade da análise dos personagens e de seus comportamentos, influenciados pela pedagogia de repressão a que são submetidos e que, até hoje, está presente em diversas instituições escolares que se propõem formadoras. Para

a abordagem dessa temática, os pressupostos escolhidos foram a crítica de Mário de Andrade (1972) acerca da obra de Raul Pompeia, os trabalhos sobre infância e sexualidade do jornalista cearense Benedito Teixeira de Sousa (2016), resultado de sua dissertação de mestrado, e a concepção do mecanismo sexual e do poder segundo Michel Foucault (1984, 1985, 1988). Por fim, a organização dos tópicos se dará por meio de uma reflexão bibliográfica sobre a sexualidade, afetividade e dominância no microcosmo Ateneu, reflexo das práticas e valores do final do século XIX; o papel de órgãos repressores/formadores; Sérgio como um indivíduo em construção sexual e suas interações com os personagens Sanches, Bento Alves e Egbert.

2. Um passeio pela infância, afetividade, sexualidade e mecanismo de poder

Sousa (2016) destaca que a infância é o período em que, do nascimento a meados dos 12 anos de idade, o ser criança está dando os seus primeiros passos para sua formação como um indivíduo adulto, sexual, intelectual e moralmente incluso numa sociedade. Para trabalhar com o período da infância em formação, inclinamo-nos para os pressupostos de Le Goff (1988 apud SOUSA, 2016) sobre as “mentalidades”, para o entendimento sobre a evolução da criança ocidental e as relações sexuais e afetivas na literatura. Todavia, no presente trabalho, faremos um recorte específico à literatura brasileira, tendo *O Ateneu*, em particular as descobertas homoeróticas e afetivas feitas pelo narrador-protagonista no decorrer da obra, como objeto a ser pesquisado e debatido.

Em sua obra, iniciada com a famosa frase: “‘Vais encontrar o mundo’, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. ‘Coragem para a luta’” (POMPEIA, 2021, p. 7), Pompeia nos apresenta Sérgio, um menino de 11 anos que fora matriculado no internato Ateneu para que fizesse a transição de criança para adulto e se constituísse homem, segundo as preconcepções da época, sob a rigorosa tutela de Aristarco e sua pedagogia, que abomina toda e qualquer prática de imoralidade. O internato, como um emulador da sociedade burguesa do final do século XIX, tem como pilar de poder o patriarcado e um modelo de masculinidade viril. É nesse período, durante suas vivências no microcosmo escolar, que Sérgio tem seu primeiro contato com suas experiências sexuais de autodescoberta por meio de seu desenvolvimento afetivo com variados personagens. Todavia, também é ali onde ele entra em contato com as sensações podadoras, repressoras e de repulsa, impostas pelas regras que regem o internato e pelos valores esperados para um menino – um homem – em ascensão.

Segundo Chombart de Lauwe (1991, p. 388 apud SOUSA, 2016, p. 31), as vivências de uma criança em autodescoberta variam entre espanto, interesse e incômodo à perturbação, medo e repulsa. A autora explicita em seus estudos como personagens infantis, especialmente em obras de teor biográfico, encontram-se a si mesmos e descobrem sua

sexualidade conforme vão conhecendo o próprio corpo, seja com outras crianças ou perante comportamentos adultos.

Como uma ilustração da teoria da estudiosa, temos a personagem Dona Ângela, uma funcionária do colégio, que, narrada pela visão masculina e naturalista, é uma personagem carregada de erotismo, uma espécie de objeto de desejo sexual de alguns meninos do Ateneu. Posteriormente, somos apresentados a Dona Ema, personagem que possui um papel importante na vida de Sérgio, sendo uma figura materna para o menino e, posteriormente, vista como algo mais.

Mas, apesar das relações com o núcleo adulto, são os laços interacionais com os outros rapazes que serão debatidos neste corpus. São esses laços, com inclinações homoafetivas do narrador-protagonista, que são rodeados por um tom de descoberta, interdições e questionamentos sobre as normas sociais do período, percebidas na constante lente moral e repressora do diretor Aristarco. Com ambiguidades, o personagem, caricato e carregado de uma ambição de conquistar renome para sua instituição, distancia-se da postura moral de cidadão-exemplo prezada por ele mesmo, pondo, acima da educação, o dinheiro e a fama. Aristarco afirma que “[...] não é o estudo dos rapazes a minha preocupação.... É o caráter! Não é a preguiça o inimigo, é a imoralidade!” (POMPEIA, 2021, p. 23).

O diretor, representante de uma instituição escolar moralista e reguladora comportamental, condena a formação sexual das crianças e dos jovens, abafando essas descobertas da sexualidade infantil. Para Benedito Teixeira de Sousa (2016, p. 38-39), apoiado no pensamento foucaultiano:

As mentalidades apreendidas pela história conservam a imagem da criança como um ser assexuado. Qualquer manifestação comportamental que fugisse a essa imagem ditada pela norma deveria ser interditada, proibida. São reações próprias do poder repressor que ganhou corpo na modernidade, em contraposição à simples lei penal.

A tese reforça o fato de que o corpo da criança em formação não pertence a ela, ele está sob o controle dos adultos, sendo submetido a uma série de dispositivos controladores e instituições disciplinares, como a família, a religião, a escola. Freud, em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1972), retoma o debate sobre a sexualidade infantil, contrariando as teorias que afirmam uma assexualidade do ser criança e atentando contra o estigma que educadores fazem sobre o assunto. Esse tópico pode ser observado em *O Ateneu*, pois os personagens estão sempre se policiando, buscando se encaixar no ideal imposto, tentando sempre alcançar um modelo ideal do homem moralmente correto e a aprovação de Aristarco. Um dos medos dos meninos são justamente as visitas inesperadas do pedagogo que costuma fazer aparições abruptas nas portas das salas e quartos.

Sobre a ótica de Piaget (1996), referente à afetividade e relações sociais, afirma-se que há dois tipos de relação: a de coerção, composta por elementos autoritários que intervêm naqueles que possuem um nível inferior ao indivíduo dominante/detentor do poder, e a de cooperação, cuja igualdade é mútua. O menino Sérgio, buscando encontrar a si mesmo no internato, é constantemente colocado em relações de coerção, sendo que os ideais utópicos de Aristarco e as expectativas nele depositadas pairam sobre seu comportamento. Assim, ele é coagido na maior parte do tempo a pensamentos alheios, às vezes, deixando de lado até mesmo seus próprios interesses – ou afastando-se, como foi no caso de Egbert, com a ruptura abrupta da relação.

Sendo esse processo de formação comum para o momento histórico em que o romance foi escrito, essa metamorfose entre as fases da vida inquieta de Sérgio é inteiramente erguida em meio às paredes claustrofóbicas do Ateneu. A esse respeito, Ronaldo Costa Fernandes (2007, p. 83 apud GEBRA *et al.*, 2013, p. 19) afirma:

A relação entre aprendizado do personagem e mudança social em torno dele pode supor que seja levado a aprender mais rápido, a encurtar o caminho para o amadurecimento. Ao menino Sérgio, tudo lhe foi confuso e nebuloso, em ondas sucessivas, círculos concêntricos de conhecimento e dispersão.

Essa instabilidade emocional do protagonista abre palco para as relações de controle e poder, no qual ele sempre está por baixo, na posição do dominado. Para melhor debater os dispositivos de controle, faremos uso das ideias foucaultianas. Em suas obras – os três volumes da *História da Sexualidade* –, Michel Foucault (1988, 1984, 1985) trata a sexualidade como uma tecnologia política e um mecanismo de poder íntimo entre os sujeitos em processo de constituição sexual e de sujeição. Para ele:

[...] há dois sentidos para a palavra “sujeito”: sujeito submetido ao outro pelo controle e dependência e sujeito fixado à sua própria identidade pela consciência ou conhecimento de si. Nos dois casos, a palavra sugere uma forma de poder que subjuga e sujeita. (FOUCAULT, 1984, p. 227).

O teórico ainda acrescenta que o poder pode ser rotativo. Ora um indivíduo domina, subjuga, ora ele pode ser dominado, subjugado. Todavia, há grupos mais sujeitos à dominação, dado seus históricos sociais e/ou biológicos: no polo dos possuídos, é comum encontrar as mulheres, homossexuais, negros e crianças.

Aplicando as teorias em *O Ateneu*, essa relação de poder entre possuidor e possuído pode ser observada nas situações em que Sérgio aceita garotos mais fortes e mais velhos como seus “protetores” em seus laços afetivos sociais. Porém, apontemos inicialmente o poder disciplinar da instituição, que busca adestrar e sujeitar os garotos mesmo em suas ações involuntárias e espontâneas; um darwinismo social, em que apenas os mais fortes sobrevivem. Sousa (2016, p. 132) afirma:

Podemos visualizar essa sujeição em Sérgio, de O Ateneu, que, no internato, vive uma luta interna constante contra seus desejos homoafetivos por Sanches, Bento Alves e Egbert, além de ser pressionado pela religião, pela direção da escola e por seus próprios pares colegiais.

Tornam-se evidentes as cobranças ao redor de Sérgio, em sua maioria partindo dele mesmo. Também se observam os valores da época pesando sobre as ações dele. No internato, há regras a serem seguidas e expectativas a serem atingidas. Como um jovem em formação, inserido em uma instituição punitiva que busca instruí-lo a traçar um caminho ideal do homem moralmente correto, a narrativa não só apresenta tais conflitos que abrangem o microcosmo, mas também uma simulação para a sociedade. Além disso, traz para foco o debate sobre essa homossexualidade implícita de Sérgio, dentro de um ambiente que perpetua o mecanismo de dominância e hierarquização masculina, presente em toda a obra enquanto reflexo da sociedade brasileira.

3. Ativo x passivo: a hierarquia masculina no internato

Seguindo os pressupostos apresentados no tópico anterior acerca da sexualidade como mecanismo de poder, trabalharemos a seguir essa concepção de dominância voltada à hierarquização presente entre os alunos do internato Ateneu, visível em várias das interações afetivas do protagonista com outros meninos. Sousa (2017) aponta que a relação ativo e passivo é uma condição homoafetiva, em que suas posições e comportamentos são relevantes na categorização dos indivíduos com características masculinas ou femininas, sendo estes últimos socialmente “inferiores” aos que possuem postura mais viril. Geralmente, a desvalorização social que é atribuída às mulheres, imposta pelo sistema patriarcal, causa a subjugação dos homens tidos como menos másculos. No caso das relações homoafetivas, o homem passivo é dominado pelo homem ativo. Ressaltamos que os termos aqui não estão necessariamente ligados ao ato do sexo, mas às posições sociais e aos valores que são atribuídos a eles. Essa dominação masculina foi – e ainda é – perpetuada por família, escola e igreja.

Em uma avaliação histórica, esse tipo de relação entre ativo e passivo está presente desde as antigas sociedades, como na antiga Grécia, na qual o contato íntimo de dominância era mantido exclusivamente para a preservação da tradição virtuosa, perpetuada pelo contato sexual entre um homem adulto, o *erastes*, e um mancebo, o *erômenos* (SOUSA, 2017). A homossexualidade, na sociedade grega, não era aceita, então a *pederastia* – prática sexual entre um rapaz e um homem –, prática provisória enquanto durasse a fase de infância e adolescência, era feita unicamente para que houvesse troca de experiência e a preparação do jovem rapaz para o futuro como um adulto completo e social. Por conta da idade, as práticas não eram estigmatizadas, considerando que, na concepção deles, crianças ainda não eram identificadas como cidadãos.

Ao decorrer da leitura d’*O Ateneu*, é visto como Aristarco espera que os meninos se comportem diante de seus utópicos valores moralistas, ignorando, muitas vezes, as interações sociais, que são de suma importância para o desenvolvimento identitário, bem como para a transição da infância para a adolescência. Nos valores da escola e na vivência dos alunos, aqueles que demonstram mais força e virilidade, são, geralmente, tidos como protetores dos meninos com traços efeminados; já aqueles que não se impõem, descritos como “sem sangue”, que preferem ser resguardados e protegidos, assumem a posição de mais frágeis dentro das relações afetivas. Assim, eles se organizam dentro daquele emulador de sociedade em posições de atividade e passividade.

Na própria obra, o personagem Rebelo, logo nos primeiros capítulos, adverte Sérgio sobre a disposição de domínio na escola:

Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores. (POMPEIA, 2021, p. 29).

Em *O Ateneu*, a posição de passividade nas relações entre os meninos do internato é enfatizada como algo negativo e mal visto, como deixado claro por Rebelo. Esse comportamento também possibilita fazer uma associação a práticas atribuídas à homossexualidade – na época, vistas como depravação, perversão e imoralidade. Os efeminados tendem a ser subjugados por aqueles que estão dentro do padrão da heteronormatividade. O próprio diretor do internato, regido pelos ideais patriarcais, faz uma promessa aos pais dos garotos, afirmando cuidar deles como se fossem suas *filhas*; atribuindo, de certa forma, a visão de “fragilidade” feminina a eles, assim como a ausência de uma parte que deve ser preenchida ao se tornarem homens completos e honrosos: “No *Ateneu*, a imoralidade não existe! Vale pela candura das crianças, como se fossem, não digo meus filhos: minhas próprias filhas!” (POMPEIA, 2021, p. 23).

Posteriormente, no episódio em que uma carta assinada por uma pseudo menina é encontrada, fica evidente a desaprovação do pedagogo quanto a isso. A situação deixa subentendido que os rapazes estão marcando um encontro de teor romântico. Didier Eribon (2008, p. 28-29 apud SOUSA, p. 289), acerca dessas posições de poder hierárquicas nas interações do internato, observa o seguinte:

[...] tem por função produzir efeitos e principalmente instituir, ou perpetuar, o corte entre os ‘normais’ e aqueles que Goffman chama de ‘estigmatizados’,

fazendo esse corte entrar na cabeça dos indivíduos. A injúria me diz o que sou na medida em que me faz ser o que sou”.

O internato é um reflexo disso, só que, ao invés da relação ser entre um homem mais velho e um mais novo, ela acontece entre meninos de faixa etária semelhante com posturas diferentes, em que os mais másculos se sobressaem e subjagam os menores e mais frágeis. Assim, garotos assumem “papéis de garotas” para o bel-prazer dos outros. Isso guia várias das relações afetivas de Sérgio, que se permitia ser resguardado por Sanches, Bento Alves e Egbert, até o ponto no qual a relação com eles se tornava alvo de especulações e estranhamento aos olhos das pessoas externas, resultando na ruptura abrupta da amizade. Durante a narrativa, os fatores que levam a isso ficam em evidência, os mecanismos repressores e castradores que, por meio de injúrias e censura, conduzem o pequeno Sérgio durante todo o seu crescimento e seu período no internato.

4. Sérgio, um protegido em formação

O conturbado período em que Sérgio esteve no Ateneu, com toda a sua rigidez moral castradora, transformou-o enquanto sujeito. Todavia, o narrador-protagonista apresenta raiva em seu discurso, descontando os abusos que sofreu na narrativa. Fazendo uso da conjectura de Judith Butler, Sousa (2017, p. 281) diz que: “[...] o sujeito é constituído pelo discurso que se faz sobre e em torno dele; o sujeito é incerto, subjetivo e político, em todos os aspectos de sua vida”.

A partir dessa perspectiva teórica, aliada à teoria da preservação das faces de Brown e Levinson (1987), estudam-se as relações, como se deram início e como terminaram. Segundo os autores, a face é um artifício mutável de acordo com as interações sociais em que o indivíduo esteja inserido, erguida a partir da manutenção e proteção da face construída. A homoafetividade de Sérgio transparece ou se oculta na medida em que lhe é possível assumir as posições de passivo e ativo nas dinâmicas particulares das interações no decorrer do romance.

Além da masculinidade, a religião e os valores pregados por ela estão presentes no discurso da obra, interferindo na conduta de convivência das personagens. A doutrinação, em sua maioria, é atribuída à figura de Aristarco, endeusado tanto quanto a sua metodologia, preservadora da família nos seus moldes tradicionais, pregadora da força do espírito e da glória patriarcal. Isso é perceptível na seguinte passagem: “Acima de Aristarco – Deus! Deus tão-somente; abaixo de Deus – Aristarco” (POMPEIA, 2021, p. 12). A figura do diretor, no entanto, é contraditória, pois suas ações gananciosas e egocêntricas se afastam da moralidade que prega aos alunos. Para ele, a educação é comércio, uma fachada erguida ao redor de uma reputação nacional. Assim, na medida em que é exposta sua contradição,

Aristarco representa uma crítica a esses modelos de pedagogia comercial e não voltada, de fato, ao desenvolvimento dos alunos envolvidos.

Por se tratar de um romance de memórias, no qual o protagonista narra sua infância e adolescência, é possível que ele esteja resguardando as reais experiências vividas, mantendo para si mesmo os discursos que podem expor sua possível sexualidade reprimida. Essa marca de proteção é forte quando se trata dos meninos com quem se envolveu, em alguns casos, até mesmo se encobrendo com mistério, que faz o leitor questionar-se sobre o que *pode* ter acontecido. Por ser uma obra em primeira pessoa, Sérgio narra o que deseja narrar, o que é agradável para os outros saberem, e esconde o que acha apropriado resguardar para si mesmo, aquilo que talvez o coloque no território da temível imoralidade combatida pelo internato e por Aristarco. A narrativa toca os pressupostos de essência e aparência, o que nos é contado e o que pode realmente ter acontecido.

Pode-se dizer que o ponto de partida para o crescimento de Sérgio foi quando ele perdeu os seus cachinhos dourados, o que ainda o ligava à sua infância, ao conforto de sua família e à imagem de uma simples criança. Mas, acerca do formativo sexual, pode-se afirmar que começou já nas primeiras páginas, com ele se encantando pela exibição de masculinidade dos alunos de ginástica. As descrições do sedutor espetáculo, o tempo dedicado aos músculos dos rapazes e a forma como ele reagia a tudo – coração agitado, palmas e gritos –, resultaram em uma atração de olhares de desaprovação para si. Neste ponto, o deslumbramento é rompido pela vergonha e arrependimento por ter sido notado e reprovado por quem observava sua empolgação: “O coração pulava-me no peito com um alvoroço novo, que me arrastava para o meio dos alunos, numa leva ardente de fraternidade. Eu batia palmas; gritos escapavam-me, de que me arrependia quando alguém me olhava” (POMPEIA, 2021, p. 15).

Depois disso, ao se sentir desamparado e sem masculinidade o suficiente, Sérgio adentra em uma onda de passividade proposital, se permitindo ter protetores, garotos mais fortes e experientes, chegando a estimá-los como namorados, sendo essa a forma que encontrou para sobreviver naquele microcosmo hostil àqueles incapazes de se protegerem sozinhos. Para Mário de Andrade (1972, p. 178), as efêmeras apresentações de camaradagem fazem parecer que todas as amizades de Sérgio são marcadas por ambições, contribuindo para a fortificação da dominância que os fortes possuíam sobre fracos, a partir das posições que assumiam.

Ressaltamos que não iremos rotular esses laços como homossexualidade e sim analisar os discursos que rodeiam a narrativa do romance, colocando em pauta os três principais amigos do protagonista – Sanches, Bento Alves e Egbert –, assim como suas peculiaridades nas relações que desenvolvem com Sérgio. Optamos pelo uso do termo guarda-chuva “homoafetividade”, que, em definição, vai além de apenas uma orientação

sexual específica, buscando vincular as emoções vigentes entre os relacionados do mesmo sexo.

4.1 Sanches, o primeiro protetor

Após os aconselhamentos de Rebelo e a resistência inicial a permitir protetores para si, a primeira grande camaradagem de Sérgio foi com Sanches. Até ser resgatado do afogamento por ele, o protagonista não o enxergava como um potencial amigo, descrevendo-o como antipático. Porém, o episódio – que futuramente causa desconfiança em Sérgio, acreditando ter sido um acidente planejado – foi o estopim para a amizade dos dois: o desdém se tornou gratidão.

Sérgio se sentia desamparado, inclinando-se mais e mais para a “efeminação mórbida”, descrição feita pelo próprio narrador, do internato. O adjetivo usado pelo narrador ao descrever os impulsos de fragilidade do protagonista, o termo “mórbido”, apenas enfatiza o status que a homossexualidade ou a falta de masculinidade tinha na época, vista como portadora de valores desviantes e doentes. Sentindo-se ameaçado pela atmosfera do colégio e pela associação que fez com Barbalho, personagem que até então atuava como seu agressor, Sérgio permitiu, numa tentativa de preencher a solidão, a aproximação de Sanches:

Encostava-se, depois, muito a mim. Fechava o livro dele e lia no meu, bafejando-me o rosto com uma respiração de cansaço. Para explicar alguma coisa, distanciava-se um pouco; tornava-me, então, os dedos e amassava-me até doer a mão como se fosse argila, cravando-me olhares de raiva injustificada. Volvia novamente às expressões de afeto e a leitura prosseguia, passando-me ele o braço ao pescoço como um furioso amigo. (POMPEIA, 2021, p. 42).

Na passagem, observa-se essa intimidade que Sanches buscava, como a proximidade forçada pela respiração “bafejante”, a necessidade de imposição de força ao amassar os dedos, a alternância entre o comportamento afetivo e os impulsos de força, como o braço no pescoço e a postura furiosa de amigo, como se desejasse marcar território. Porém, essa demonstração afetiva de Sanches não era constante, havia sempre hesitação e até mudança de comportamento sempre que os inspetores chegavam às portas de forma abrupta. A resistência de Sérgio a se mostrar passivo causava desapontamento em Sanches, o afastamento do protetor causou angústia no protegido. Mas o vínculo não foi abalado, tendo em vista a sugestão de posse feita por Sanches, responsável pelo desconforto e repulsa em Sérgio por si mesmo, que mostrava ciência da dominância a que o fazia se curvar, percebida nos olhares maliciosos de quem assumira o papel do forte possuidor.

Diante da aproximação de Sanches, o narrador protege a si mesmo, deixando subentendido que as palavras de Sanches estavam provavelmente carregadas de teor sexual, causando uma reação de espanto em Sérgio: “Só a voz, o simples som covarde da voz, rastejante, colante, como se fosse cada sílaba uma lesma, horripilou-me, feito o contato de um suplício imundo” (POMPEIA, 2021, p. 45). A demonização de Sanches parte da comparação feita por Sérgio, traçando um paralelo da voz dele como um animal rastejante e sujo, algo traiçoeiro e pronto para dar o bote, encarnando no rapaz uma imagem negativa e depravada. Pondo-o sobre os moldes da religião cristã, a descrição representa a serpente bíblica que, por meio da tentação, levou Eva ao pecado. O episódio marca o primeiro rompimento de Sérgio.

4.2 Bento Alves, o segundo protetor

Sérgio passou a ignorar Sanches que, por ciúmes, uniu-se a Barbalho, um dos agressores do protagonista. Nesse período, Rebelo tentou se aproximar, ser o novo protetor, mas foi negado. Porém, foi Bento Alves o colega escolhido por Sérgio, cuja estima manifestada perto dele era próxima do feminino. Com ele, Sérgio aceita um papel de submissão voluntária, e aprecia-o enquanto uma inspiração masculina para a própria identidade, pondo-o no campo fraternal e paternal, ao mesmo tempo que quase romântico, como se pode observar no trecho:

A amizade com Bento Alves por mim, e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rebelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer. Porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo. (POMPEIA, 2021, p. 87-88).

Em comparação à amizade com Sanches, a com Bento Alves foi mais serena, com entendimento e aceitação nas posições assumidas por eles, inclinada ao platonismo. Sérgio não parecia se incomodar com sua submissão, pelo contrário, ele gostava da proteção de Bento e do tratamento feminino e terno que recebia do protetor; do jogo de contato, carícias e gestos que o deixava no campo do zelo afetoso de Bento Alves, como sua “namorada”. Sérgio abraçou a passividade por conveniência, no interesse em ser guardado e bem tratado num internato cuja conduta pedagógica era humilhar os fracos. Com a proteção do seu colega, ele ficava em um pedestal fora do alcance das represálias dos seus agressores: “[...] modificava-me com o amigo, e me sentia bem na submissão voluntária, como se fosse artificial a bravura, à maneira da conhecida petulância feminina” (POMPEIA, 2021, p. 88).

Nos moldes de ativo e passivo, fica em evidência quem assume cada papel. Bento Alves, o garoto mais velho e mais forte, se torna o ativo de Sérgio, o passivo garoto frágil,

de comportamento feminino e necessitado de proteção. É possível também traçar um paralelo entre o companheirismo deles com as relações de *pederastia*, concretizando-se ainda mais pela forma que os personagens são descritos e a diferença de idade entre eles. Bento presenteava o mais novo com livros e flores, reforçando o seu papel como o homem cortês naquela relação. Além disso, ele era mais velho e mais inteligente, detentor de uma posição alta no grêmio literário do Ateneu, o que reforça sua posição na relação

A amizade chegou ao fim depois que a repressão causada pela heteronormatividade cultuada pela instituição pesou sobre os meninos. Na época, o comportamento e as relações homoafetivas eram velados, já que a homossexualidade era tratada como um desvio, algo fora da normalidade heterossexual, às vezes até encarada como uma doença. Isso recaí sobre a amizade de Sérgio, levando-a ao seu fim. Primeiro, temos a implicância dos colegas com perguntas sobre quando seria o casamento, provocando Sérgio e Bento Alves sobre o possível namoro deles. Então, a relação dos dois passou a ser malvista no colégio, perdendo a inocência na aceitação das posições e passando a ser desconfortável. Outro obstáculo foi uma carta de Cândido, assinada pelo rapaz como Cândida, para Emílio Tourinho, e descoberta por Aristarco:

“Esta mulher, esta cortesã fala-nos da segurança do luar, do sossego do bosque, da solidão a dois... um poema de pouca-vergonha! É muito grave o que tenho a fazer. Amanhã é o dia da justiça! Apresento-me agora para dizer somente: serei inexorável, formidando! E para prevenir: todo aquele que direta ou indiretamente se acha envolvido nesta miséria... tenho a lista dos comprometidos... e que negar espontâneo auxílio ao procedimento da justiça, será reputado cúmplice e como tal: justiça!” (POMPEIA, 2021, p. 128).

No episódio, a exposição humilhante que Aristarco faz diante de todos os alunos do Ateneu deixa em alerta os outros meninos. A inquisição do pedagogo não deixa brecha para defesa, pois, para ele, estava mais que claro que a situação era um grande desvio ao que pregava em seu internato; Aristarco atua como juiz, júri e executor. O julgamento público de Cândido e de todos os envolvidos, que se tornou mais semelhante a uma malhação de um crime imperdoável contra a moral e a religião, traz relutância às relações de camaradagem do narrador-protagonista. A influência do ambiente podador e a atmosfera de opressão contra as ditas imoralidades ocasiona uma briga entre Sérgio e Bento Alves, o que resultou no afastamento deles e a ruptura dos laços afetivos que nutriam um pelo outro.

4.3 Egbert, o terceiro protetor

Após perder a companhia de Bento Alves, Sérgio sente a ausência do amigo pesar sobre seus sentimentos. Foi então que ele abriu espaço para a curta relação com seu terceiro protetor, Egbert. Neste ponto, ele traça um paralelo de comparação entre os três colegas que marcaram sua vida no internato. A relação com Sanches é tratada como uma

espécie de escravidão imposta pela falta de experiência; com Bento Alves, uma amizade de verdade, mesmo sendo encoberta pela passividade efeminada que Sérgio acatou voluntariamente e de bom grado; já com Egbert, a amizade é descrita como fraternal, Sérgio, amadurecido pelas relações anteriores, estima-o e admira-o com a ternura de um irmão mais velho.

Egbert é constantemente descrito como um ideal a ser alcançado, a figura do homem perfeito que serve como parâmetro para Sérgio no momento de formação de sua identidade. A camaradagem segue repleta de companheirismo, compartilhando e realizando juntos um esboço de romance com exposição pública de afeto: “Entrávamos pelo gramal. Como ia longe o burburinho de alegria vulgar dos companheiros! Nós dois sós! Sentávamo-nos à relva. Eu descansando a cabeça aos joelhos dele, ou ele aos meus” (POMPEIA, 2021, p. 138). A distância dos burburinhos refletia o estado dele ao se ver, por um instante, desprendido dos pesados juízos de valor formulados pelos outros; o fato de estarem só os dois reforça a sensação idealizada do momento; a forma de compartilhar a situação, por meio do contato carinhoso de se deitar, sugere confiança e conforto na relação. Tanto a descrição encantadora do protagonista quanto a de seu colega não é o suficiente para afirmar sua possível homossexualidade, mas, ainda assim, a memória de Egbert, guardada por um Sérgio adulto e narrador, foi relevante para sua formação. A amizade, em suma, tende a ser uma representação de uma relação de amor inocente, sem desejos físicos pelas posições assumidas pelos meninos, diferente de como era com Sanches e Bento Alves.

A ruptura dessa amizade, que marca o terceiro término de Sérgio, acontece depois que ele entra em contato com D. Ema, em um jantar organizado por Aristarco. É como se, por meio do contato com uma mulher de verdade, o protagonista sentisse sua masculinidade aflorar, e a partir disto, a relação fraterna com Egbert esfriou. Durante o período após o rompimento, há a primeira e única menção explícita de homossexualidade no romance, quando Sérgio, agora mais velho, é transferido para um outro dormitório. Na obra:

Não ser eu mulher para melhor o ser! Estes faziam grupo à parte, conhecidos publicamente e satisfeitos com isto, protegidos por um favor de simpatia geral, inconfessado mas evidente, beneplácito perverso e amável de tolerância que favoneia sempre a corrupção como um aplauso. Eles, os belos efebos! Exemplos da graça juvenil e da nobreza da linha. Às vezes traziam pulseiras; ao banho triunfavam, nus, demorando atitudes de ninfa, à beira d’água, em meio da coleção mesquinha de esqueletos sem carnes nas tangas de meia, e carnes sem forma. (POMPEIA, 2021, p. 150).

O episódio apresenta uma visão estereotipada da homossexualidade, criando uma imagem de jovens meninos que abraçaram sua efeminação, mesmo isso sendo contra as regras morais de Aristarco. Fica claro o conformismo que esses garotos possuem em estarem na posição de dominados pelos maiores. O termo *efebo* reforça isto, referenciando a relação ateniense de pederastia entre tutor/eraste e aprendiz/efebo. No romance, a diferença entre os grupos fica ainda mais clara quando nos é mostrada uma contraposição à ingenuidade feminina desses garotos, descrevendo aqueles que esbanjam orgulho masculino em suas características físicas e comportamentais como superiores aos protegidos.

5. Considerações finais

O intuito deste trabalho foi revisitar a obra com a finalidade de, através da narração do protagonista, pensar a homoafetividade em *O Ateneu*. Pensar também como o assunto é abordado tendo em vista o forte discurso moralista presente na sociedade brasileira. Na obra, tendo o Ateneu como um ambiente que simula a sociedade, percebemos a crítica à burguesia brasileira por meio de personagens que, em suas condutas, expõem a hipocrisia subjacente aos discursos moralistas. Com base nas teorias antes apresentadas, buscamos traçar um percurso que explicasse a sexualidade como mecanismo de poder, mesclando os pressupostos aos episódios do romance. A pesquisa também caminhou para as definições de ativo e passivo, prática que perdura desde a Grécia Antiga, e como isso caracterizava as interações afetivas de Sérgio e os seus três protetores. Por fim, fez-se uma revisão da própria obra, buscando no discurso passagens que pudessem apontar essa possível homoafetividade do narrador-protagonista.

Diante disso, foi feita análise acerca da obra e as possíveis manifestações homoafetivas de Sérgio, Sanches, Bento Alves e Egbert, em uma perspectiva na qual a marginalização e o preconceito acerca da homossexualidade são menores em comparação à época em que *O Ateneu* foi publicado. Como salientamos, durante o século XIX, a repressão e os obstáculos presentes eram maiores, visto que esse grupo nem mesmo tinha o direito de assumir suas orientações sexuais publicamente. E, no contexto da obra, sempre que a instituição supostamente formadora entrava em foco, a opressão e as injustas punições se tornavam evidentes e banalizadas a todos aqueles que, aos olhos de Aristarco e da sociedade, tinham condutas amorais. Possuir uma efeminação passiva era vista como motivo para subjugação no microcosmo e resultava numa relação de proteção e protegido para com os rapazes másculos que estavam dentro do arquétipo do ser masculino, criando essa linha tênue entre o amor de amigos e o amor erotizado.

Sérgio foi posto naquele internato com o intuito de crescer, deixar para trás todos os resquícios de infantilidade ou fraqueza. Os seus envolvimento com os meninos e as formas abruptas com que chegavam ao fim mostravam como a atmosfera atuava diretamente no

comportamento dos jovens, principalmente o poder exercido pela instituição escolar. Como um exemplo deste amadurecimento de Sérgio e êxito do Ateneu em sua coercibilidade moral, a última paixão do garoto foi Dona Ema, a esposa de Aristarco, acabando com seu comportamento efeminado. Outro marco importante para o final é o incêndio no Ateneu. Em outra simbologia, pode-se afirmar que este fim é a conclusão do capítulo de Sérgio, sua liberdade, e o fim de toda repressão sofrida naquele espaço enquanto inserido nele. Já Raul Pompeia, cuja mocidade foi marcada pelos traumas do Colégio Abílio, expurgou seus próprios demônios junto às cinzas do Ateneu.

Referências

- ANDRADE, Mario de. O Ateneu. *In*: ANDRADE, Mario de. *Aspectos da literatura brasileira*. 4. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.
- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- BROWN, Penélope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness some universals in language usage*. Londres: Cambridge, 1987.
- CHOMBART DE LAUWE, Marie-José. *Um outro mundo: a infância*. Tradução de Noemi Kon. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1991.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FERNANDES, Ronaldo Costa. *A ideologia do personagem brasileiro*. Brasília: Editora UnB, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. São Paulo: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. São Paulo: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon de Albuquerque. 13. ed. São Paulo: Graal, 1988.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, Sigmund. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 7.
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. Tradução de Eduardo Brandão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MORAIS GEBRA, Fernando de; CAVANARI, Cristiano; FERREIRA, Angela; HAVRECHACK, Angela; KALVA, Lucielea; RICEXENETE, Ariane. Homoafetividade e homossexualidade em O Ateneu, de Raul Pompeia. *Revista Decifrar*, Manaus, v. 2, n. 1, p. 16-28, jul./dez. 2013.
- POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Londrina: Livrarias Família Cristã, 2021.
- SOUSA, Benedito Teixeira de. *Entre o pavor e o prazer: infância homoafetiva na literatura brasileira*. Curitiba: Appris, 2016.

SOUSA, Benedito Teixeira de. Ativo x passivo: homoafetividade, gênero e infância na literatura brasileira. *In*: ROSA, Katemari Diogo da; CAETANO, Marcio; CASTRO, Paula Almeida de (org.). *Gênero e sexualidade*: interfaces e discurso. Campina Grande: Realize Editora, 2017. p. 279-292.

Recebido em 15 de fevereiro de 2023

Aceito em 16 de abril de 2023